CHAMA-ME PELO TEU NOME

André Aciman

CHAMA-ME PELO TEU NOME

Tradução
Hugo Gonçalves

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2007, André Aciman
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: C*all me by your name*
Autor: André Aciman
Tradução: Hugo Gonçalves
Revisão: Maria João Lourenço
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-436-0
Depósito legal: 441 839/18
1.ª edição: Junho, 2018

www.clubedoautor.pt

Para o Albio,
Alma de mi vida

Parte 1

Se não for mais tarde, quando?

«*Mais tarde!*» As palavras, a voz, a atitude.

Nunca ouvira ninguém usar as palavras «Mais tarde» para se despedir. Era algo agressivo, seco e desdenhoso, detetando-se a indiferença velada de quem não se importa de não voltar a ver-nos nem a ouvir-nos.

Essa é a primeira coisa de que me lembro dele, e ainda hoje consigo ouvir as palavras. *Mais tarde!*

Fecho os olhos, digo as palavras, e estou de volta a Itália, muitos anos atrás, percorrendo o caminho ladeado de árvores, vendo como ele saía do táxi com uma camisa azul, colarinho aberto, óculos de sol, chapéu de palha, pele por todo o lado. Subitamente, aperta-me a mão, entregando-me a mochila, tira a mala da bagageira do carro, e pergunta-me se o meu pai está em casa.

Pode ser que tudo tenha começado ali, naquele momento: a camisa, as mangas arregaçadas, os seus calcanhares redondos entrando e saindo das alpergatas gastas, ansiosos por testar o

carreiro de gravilha quente, que nos levaria à casa, como que a perguntar, a cada passo: *Para onde fica a praia?*

O nosso hóspede de verão. Que chato.

Depois, quase sem pensar, e já de costas voltadas para o carro, acena com a mão livre e solta, despreocupado, um *Mais tarde!* ao passageiro que está no táxi e com quem, provavelmente, partilhou a corrida desde a estação. Nenhum nome, nenhum tom de brincadeira a fim de suavizar a despedida, nada. As suas únicas palavras de separação: vigorosas, ousadas e bruscas — escolham, pois ele não queria saber.

Vão ver, pensei, será assim que ele nos irá dizer adeus quando chegar a altura. Com um áspero e negligente *Mais tarde*!

Entretanto, teremos de o aturar durante seis longas semanas.

Sentia-me profundamente intimidado. Ele era do tipo distante.

Mas podia ser que, com o tempo, viesse a gostar dele. Do queixo redondo ao calcanhar redondo. Contudo, em poucos dias, aprenderia a odiá-lo.

Logo ele, a pessoa cuja foto, nos papéis das candidaturas dos hóspedes, meses antes, tinha saltado à vista com promessas de afinidades imediatas.

Receber hóspedes em pleno verão era a forma de os meus pais ajudarem jovens académicos a rever os seus manuscritos antes da publicação. Durante seis semanas, no verão, tinha de trocar o meu quarto por outro, mais ao fundo do corredor, que era bastante mais pequeno e que pertencera ao meu avô. Nos meses de inverno, quando estávamos na cidade, tornava-se uma divisão temporária para guardar ferramentas, um quarto de arrumos e sótão onde, diziam os rumores, o meu avô, que tinha o mesmo nome que eu, ainda rangia os dentes

durante o sono. Os hóspedes de verão não tinham de pagar nada e beneficiavam do acesso a toda a casa; podiam fazer o que quisessem desde que passassem pelo menos uma hora por dia a ajudar o meu pai com a correspondência e demais papelada. Tornavam-se parte da família, e, ao fim de quinze anos a receber pessoas, tínhamo-nos habituado a uma torrente de postais e presentes, não apenas no Natal, mas durante o ano inteiro, de hóspedes que se haviam tornado devotos da nossa família e que se davam ao trabalho, quando estavam na Europa, de visitar B., durante um ou dois dias, com a família, para fazerem uma visita nostálgica ao quarto de outros tempos.

Às refeições havia, com frequência, dois ou três convidados, por vezes vizinhos ou familiares, outras vezes colegas, advogados, médicos, os ricos e os famosos que apareciam para ver o meu pai quando estavam a caminho das suas casas de férias. Volta e meia, até abríamos a sala de jantar a algum casal de turistas que ouvira falar na nossa propriedade e que simplesmente queria visitá-la, dar uma espreitadela, e que ficava completamente encantado quando recebia um convite para comer connosco e falar-nos das suas vidas enquanto Mafalda, informada no último minuto, servia toda a gente com os modos habituais. O meu pai, que era reservado e tímido, adorava receber este ou aquele especialista precoce, com uma carreira em ascensão em qualquer campo de conhecimento, de forma a ter conversas interessantes, em diferentes línguas, enquanto o sol quente do verão, depois de alguns copos de *rosatello*, trazia o inevitável torpor da tarde. Chamava a isso a *estafa do jantar* — e, passado um tempo, também os hóspedes, que ficavam seis semanas connosco, achavam o mesmo.

Talvez tenha começado pouco depois da chegada, num desses almoços trituradores, quando ele se sentava a meu lado,

e eu percebia por fim que, apesar do suave bronze que ele adquirira numa breve passagem pela Sicília, no início do verão, a cor da palma das suas mãos apresentava a mesma palidez da pele macia da sola dos pés, da garganta, da parte interna dos antebraços, que não tinham estado expostas ao sol. Um cor-de-rosa leve, brilhante e macio como a barriga de um lagarto. Privado, casto, imaturo, como o rubor na cara de um atleta ou a chegada da aurora numa noite de tempestade. Isso dizia-me coisas sobre ele que nunca soube como perguntar.

Talvez tenha começado durante essas infindáveis horas, após o almoço, quando toda a gente preguiçava, ainda de fato de banho, no interior e exterior da casa, corpos esparramados por tudo quanto era sítio, matando o tempo até que, às tantas, alguém sugeria que fôssemos até às rochas para um mergulho. Parentes, primos, vizinhos, amigos, amigos de amigos, colegas, ou quem quer que tivesse batido à nossa porta para usar o campo de ténis — toda a gente era bem-vinda e podia preguiçar e nadar e comer e, se ficasse tempo suficiente, até usar a casa de hóspedes.

Ou talvez tenha começado na praia. Ou no campo de ténis. Ou durante o primeiro passeio que demos, no dia em que ele chegou, e me pediram que lhe mostrasse a casa e a propriedade. Uma coisa levou à outra e consegui que me acompanhasse para lá do velho portão de ferro forjado, e depois até ao infindável terro baldio perto da linha de comboio que antes ligava B. a N.

— Há uma estação abandonada em algum lugar? — perguntou ele, olhando por entre as árvores, sob o sol escaldante, provavelmente tentando fazer a pergunta certa ao filho do dono.

— Não, aqui nunca houve uma estação. O comboio parava quando alguém fazia sinal.

Ele estava curioso em relação ao comboio; os carris pareciam invulgarmente estreitos. Tratava-se de um comboio de dois vagões com a insígnia real, expliquei. Agora era habitado por ciganos. Tinham-se mudado para lá desde que a minha mãe era pequena e ia passar o verão na nossa casa. Os ciganos tinham levado os dois vagões descarrilados mais para o interior. Será que ele os queria ver?

— Mais tarde. Talvez.

Uma indiferença educada, como se identificasse o meu entusiasmo inapropriado, que pretendia agradar-lhe, e me afastasse sumariamente.

Mas aquilo doeu.

Em vez de ir ver os vagões, ele disse que queria abrir conta num dos bancos em B., e depois visitar a tradutora italiana que o seu editor italiano contratara para traduzir o livro.

Decidi levá-lo lá de bicicleta.

A conversa sobre rodas não era melhor do que quando estivéramos a caminhar.

No caminho, parámos para beber alguma coisa. A *barta-baccheria* estava totalmente deserta e escura. O dono lavava o chão com um produto que tresandava a amoníaco. Saímos de lá mal pudemos. Um melro solitário, pousado num pinheiro bravo, cantou meia dúzia de notas que foram de imediato abafadas pelo ruído das cigarras.

Bebi um longo gole de uma garrafa de água mineral, entreguei-lha, e depois voltei a beber. Despejei água na mão e lavei a cara, passando os dedos molhados pelo cabelo. A água não estava fria, nem tinha gás suficiente, deixando a impressão de uma sede não saciada.

— O que é que se faz por aqui?

— Nada. Espera-se que o verão acabe.

— O que se faz aqui no inverno, nesse caso?

Sorri por causa da resposta que me preparava para dar. Ele percebeu e disse:

— Não me digas: no inverno espera-se que o verão chegue, é isso?

Eu gostava que lessem a minha mente. Ele assimilara *estafa de jantar* mais rapidamente do que qualquer hóspede anterior.

— A verdade é que no inverno fica tudo muito cinzento e escuro. Vimos cá no Natal. Mas, tirando isso, é uma cidade-fantasma.

— E o que se faz aqui no Natal, além de assar castanhas e beber *eggnog*?

Ele estava a gozar. Ofereci o mesmo sorriso de antes. Percebeu, não disse nada, rimos.

Perguntou-me o que fazia eu. Jogava ténis. Nadava. Saía à noite. Corria. Transcrevia as notas da música, que ouvia nos fones, para o papel. Lia.

Confessou que também gostava de correr. De manhã cedo. Onde é que se podia correr ali? Quase sempre na *promenade*. Podia mostrar-lhe, se ele quisesse.

E as suas palavras bateram-me em cheio na cara justamente quando começava a gostar dele outra vez.

— Mais tarde, talvez.

Tinha colocado a leitura no último lugar da lista, pensando que, por causa da atitude obstinadamente sem-vergonha que ele demonstrara, a leitura também estaria no fim da sua lista. Horas mais tarde, quando me lembrei que ele tinha acabado de escrever um livro sobre Heráclito, e que ler não deveria ser uma parte insignificante da sua vida, percebi que precisava de recuar, de uma forma inteligente, e fazê-lo perceber que os meus interesses estavam em sintonia com os dele. O que me perturbou, no entanto, não foi o esforço desusado para me redimir, mas sim a apreensão indesejada com que percebi,

finalmente, tanto na altura como durante a conversa descontraída junto dos carris do comboio, que todo esse tempo, sem parecer ou sequer admitir, eu já estava a tentar — e a falhar — conquistá-lo.

Quando me ofereci, porque todos os visitantes adoravam a ideia, para o levar a San Giacomo e subir ao topo do campanário, a que chamávamos «É de morrer», devia ter sido mais esperto em vez de ficar ali especado, à espera de uma resposta. Pensei que iria dar-lhe a volta pelo simples facto de o levar lá acima, deixando que se espantasse com a vista da cidade, do mar, da eternidade. Mas não. *Mais tarde!*

Mas pode ter começado mais tarde do que julgo, sem que tivesse reparado de todo. Vemos alguém, mas na verdade não o vemos, ele está à espera. Ou reparamos nele, mas não há uma conexão, não há um «clique», e antes que possamos perceber essa presença, ou aquilo que nos desassossega, as seis semanas que nos foram proporcionadas estão quase a terminar, e ele já se foi embora ou está prestes a ir, e, no fundo, ficamos a decifrar aquilo que, sendo desconhecido para nós, cresceu debaixo do nosso nariz o tempo inteiro e carrega consigo todos os sintomas daquilo que somos forçados a chamar *Eu quero*. Como é que não soube?, podem perguntar-me agora. Reconheço o desejo quando o vejo — e, no entanto, dessa vez, passou por mim completamente despercebido. Recorria ao sorriso dissimulado que, subitamente, parecia iluminar-lhe a cara de cada vez que percebia o que me ia na cabeça, mas na verdade o que eu queria era pele, apenas pele.

Durante o jantar, na terceira noite em que ele estava connosco, tive a impressão de que olhava fixamente para mim enquanto eu explicava a peça musical *As Últimas Sete Palavras de Cristo na Cruz*, de Haydn, que andava a transcrever.

Eu tinha dezassete anos e, sendo o mais novo à mesa, e aquele com menos probabilidade de ser ouvido, desenvolvera o hábito de colocar o máximo de informação possível no mínimo número de palavras. Falava com rapidez, o que dava às pessoas a impressão de que estava alvoroçado e a comer as palavras. Depois de explicar a minha transcrição, captei um olhar intenso à minha esquerda. Fiquei feliz e lisonjeado; era óbvio que ele estava interessado — gostava de mim. Pelos vistos, não tinha sido assim tão difícil. Mas quando, depois de demorar-me um pouco, virei por fim a cara para receber o seu olhar de frente, dei com uma expressão fria, gelada — algo simultaneamente hostil e vítreo, que roçava a crueldade.

Aquilo deixou-me desfeito. O que tinha feito para merecer tal coisa? Queria que ele fosse novamente gentil comigo, que se risse comigo, como tinha feito uns dias antes, nos carris abandonados do comboio, ou quando lhe expliquei, nessa mesma tarde, que B. era a única cidade em Itália onde a *corriera*, a carreira regional de autocarros, transportando Cristo, passava por ali sem sequer parar. Ele riu-se de imediato e reconheceu a alusão velada a um livro do Carlo Levi. Gostava da forma como as nossas mentes pareciam viajar em paralelo, como, ato contínuo, inferíamos quais as palavras em que o outro estava a pensar, embora eu recuasse no último instante.

Ele ia ser um vizinho difícil. Era melhor ficar longe, decidi. E pensar que quase me apaixonara pela pele das suas mãos, do seu peito, dos seus pés, uma pele que nunca tocara uma superfície áspera na vida — e os seus olhos, que, quando caíam sobre nós de uma forma amável, pareciam o milagre da ressurreição. Não conseguia olhar fixamente para ele por muito tempo, mas era preciso continuar a olhar para perceber porque não o podia fazer.

Também devo ter disparado na sua direção um dos meus olhares maliciosos.

Durante dois dias, deixámos subitamente de conversar.

Na longa varanda que os nossos quartos partilhavam, evitámo-nos: um olá precário, bom dia, está um tempo bonito, conversa superficial, de circunstância.

Depois, sem explicação, a coisa recomeçou.

Queria eu correr com ele pela manhã? Não, nem por isso. Bem, então vamos nadar.

Hoje, a dor, o crescendo, a emoção de algo novo, a promessa de tamanha felicidade à distância de um dedo, a atrapalhação ao redor de pessoas que talvez tenha percebido mal e que não quero perder e que preciso de descodificar a cada momento, a astúcia desesperada com que lido com todos os que amo e desejo que me amem também, os biombos que ergo, como se entre mim e o mundo não houvesse apenas uma, mas várias portas de correr feitas de papel de arroz, a urgência para codificar e descodificar aquilo que nunca esteve codificado — tudo isto começou no verão em que Oliver ficou na nossa casa. Tudo isso ficou estampado em cada música que foi um êxito nesse verão, em cada romance que li durante e depois da sua estada, em tudo, do cheiro a rosmaninho, nos dias quentes, ao crepitar frenético das cigarras durante a tarde — cheiros e sons com os quais tinha crescido, e que conhecera todos os anos da minha vida até então, mas que mudaram de súbito, adquirindo uma qualidade para sempre colorida pelos acontecimentos desse verão.

Ou talvez tenha começado na sua primeira semana connosco, quando eu estava empolgado porque Oliver sabia quem eu era e não me ignorava, e assim podia dar-me ao luxo de passar por ele a caminho do jardim e não ter de fingir que era

indiferente à sua presença. Corremos cedo na primeira manhã — até B. e depois voltámos. Bem cedo, na manhã seguinte, fomos nadar. Depois, no terceiro dia, repetimos a dose. Gostava de passar a correr pela carrinha do leite, quando ainda faltava muito para finalizar as entregas, ou pelo merceeiro ou o padeiro, quando estavam a abrir os seus estaminés; gostava de ler ao longo da costa, e na *promenade*, quando não havia por ali vivalma e a nossa casa parecia uma miragem distante. Gostava quando os nossos pés estavam alinhados, esquerdo com esquerdo, e batiam no chão ao mesmo tempo, deixando pegadas na areia, às quais desejava regressar, em segredo, e colocar os pés onde os seus tinham deixado uma marca

Esta alternância entre correr e nadar tinha sido a sua rotina durante a faculdade. Também corria durante o *sabat*?, provoquei. Ele fazia exercício todos os dias, mesmo quando estava doente; fazia exercício na cama, se fosse caso disso. Mesmo quando dormira com alguém novo na noite anterior, confessava, continuava a ir correr de manhã bem cedo. A única vez que deixou de fazer exercício foi quando o operaram. Quis saber que tipo de operação, e a resposta que eu prometera jamais instigar nele chegou até mim como uma bordoada, provocando a mesma surpresa que um boneco de mola, com um sorriso maléfico, a saltar do interior de uma caixa. «Mais tarde.»

Talvez ele estivesse sem fôlego e não quisesse falar demasiado, preferindo concentrar-se na natação e na corrida. Ou talvez fosse a sua maneira de me incentivar a fazer o mesmo — algo totalmente inofensivo.

Porém, havia algo de arrepiante e desencorajador na súbita distância que se instalava entre nós nos momentos mais inesperados. Era como se Oliver fizesse de propósito; dando-me corda, e mais corda, e depois abandonando qualquer tipo de comunhão.